

DUJAS (NOVAS) PRAÇAS!

AJ00750

O governador Elcio Alvares anunciou, extraoficialmente, que abrirá o Parque Moscoso ao público, contrariando quem acredita que sua conservação depende diretamente da cobrança, de ingresso. No próximo mês, a cidade ganhará duas novas praças — Demócrito Freitas, na César Hilal, e Cristóvão Jacques, na Praia de Santa Helena —, mas a Prefeitura ainda não decidiu se cobrará uma taxa aos frequentadores, apesar de ambas serem fechadas, como planejou o ex-prefeito Setembrino Pelissari. A inauguração de duas novas praças é boa notícia, numa cidade, onde os espaços livres são cada vez mais conquistados pela explosão imobiliária. O aterro da Comdusa, que prometia ser um segundo parque do Flamengo, quase nada oferece em área de lazer, enquanto se discute muito a legalidade de seus loteamentos e vendas.

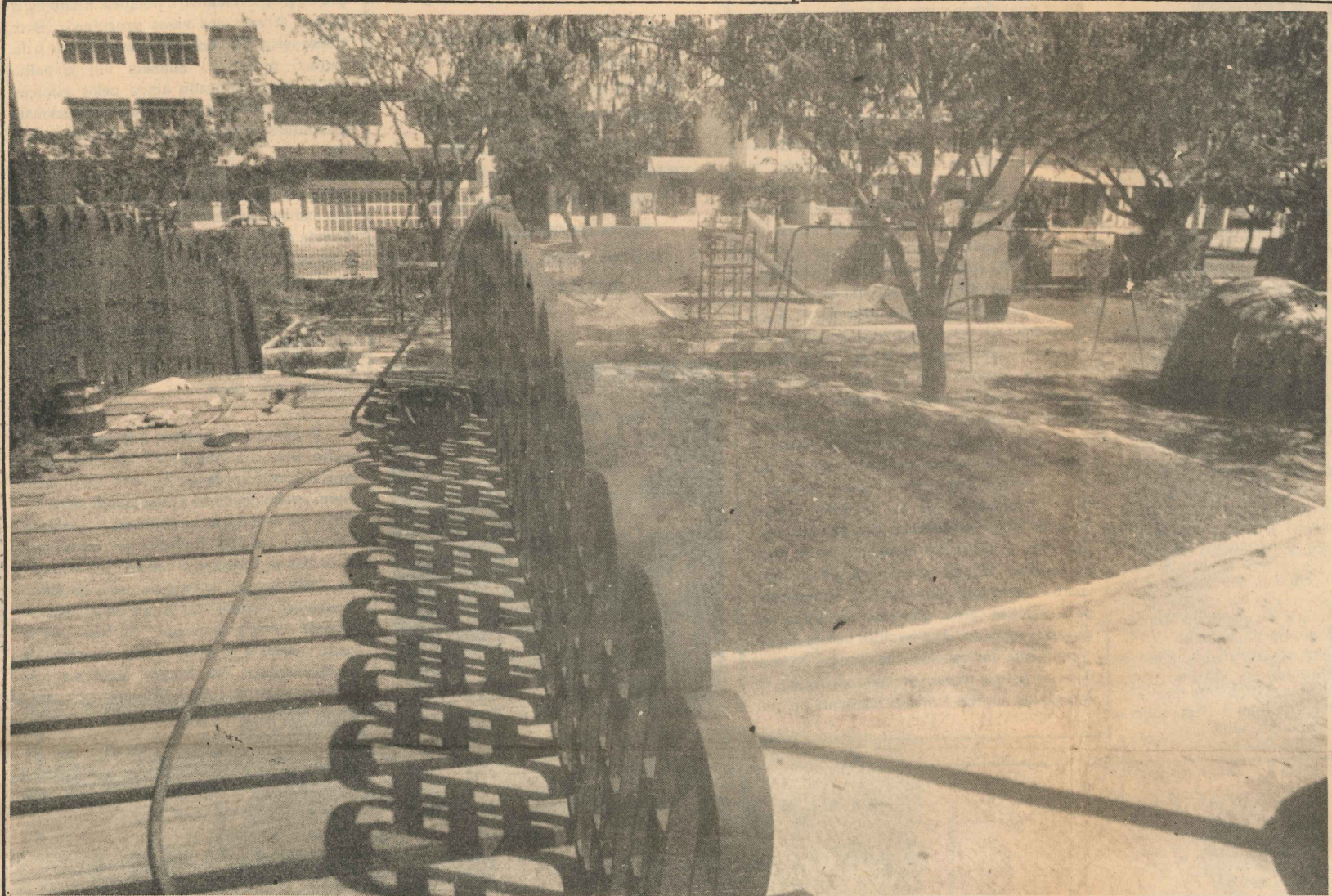
Numa das novas praças, haverá inclusive quadra de tênis, a fim de popularizar um esporte considerado elitista, segundo programou o ex-prefeito Pelissari. O presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção Espírito Santo, Eudes Scherrer, critica o plano de construção das duas novas praças.

AJ00631

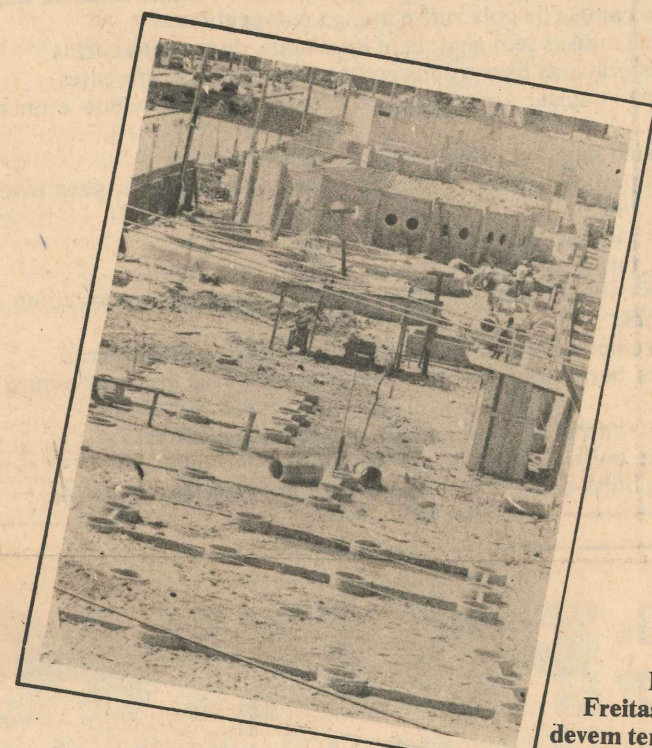
Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca



Praça Demócrito Freitas: cercada por causa do trânsito intenso



Praça Cristóvão Jacques: a ponte ornamental



Praça Demócrito Freitas: as obras devem terminar até o início de setembro

Problema no mês que vem, quando estiver aniversariando, Vitória ganhará duas novas áreas de lazer: os mini-parques, como classificou o ex-prefeito Setembrino Pelissari, construídas nas praças Demócrito Jacques, na Avenida César Hilal, e Cristóvão Jacques, na Praia de Santa Helena. Ambas são fechadas e a Prefeitura, atualmente com nova administração, que não alterou em nada os projetos originais, não decidiu ainda se cobrará ingresso aos frequentadores, como no Parque Moscoso.

A praça Demócrito Freitas terá quadras de basquete, futebol de salão e peteca (!); uma pista de 240 metros para bicicletas; canteiros em quase toda parte; uma pista de 50 metros para velocípedes, com bancos para as mães que acompanham seus filhos; diversas caixas de areia para abrigar plantas e brinquedos de crianças; e uma casa de administração. No total, a praça tem 185 metros de comprimento. Sua construção começou em fevereiro deste ano. No local, funcionava anteriormente uma escola de Enfermagem, nível 2º grau.

A praça Cristóvão Jacques, na Praia de Santa Helena, está praticamente pronta, inclusive com a maioria de seus brinquedos infantis, mas só será aberta quando a da Demócrito Freitas estiver concluída, pois é intenção da Prefeitura fazer inauguração conjunta. Numa idéia do ex-prefeito Setembrino Pelissari, a praça Cristóvão Jacques terá como principal atração uma quadra de tênis, tamanho oficial, construída por firma especializada (com asfalto) e que custou cerca de Cr\$ 150 mil. Provavelmente, é a primeira obra do gênero realizada por prefeitura no Espírito Santo. Há também quadra para basquete e futebol de salão; uma ampla pista para bicicletas, passando inclusive sob uma ponte ornamental e diversos brinquedos para crianças: cavalinho, tartaruga, gaiola, aranha, trenzinhos, sombrinhas, sapato, foguete, balanço, tobogã. Da antiga e depredada praça foram arrancadas cerca de 20 árvores tipo casuarina, substituídas por maior número de acácias. A replantação de árvores é realizada normalmente pela Prefeitura. A construção do mini-parque na praia de Santa Helena começou em janeiro deste ano. Segundo se divulgou na época em que os projetos foram apresentados, as duas novas praças custarão à Prefeitura de Vitória Cr\$ 5 milhões.

O presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção Espírito Santo,

Eudes Scherrer, criticou o gasto, ao defender, para esse tipo de obras, mais áreas verdes do que de concreto, a fim de diminuir o custo. "Os projetistas da Prefeitura fazem um projeto com muitas áreas de cimento, o que implica em muito dinheiro, prevendo uma pequena área para se plantar árvores. As quadras de tênis, basquete e futebol de salão poderiam ser construídas no aterro da Comdusa, pois isso está previsto no projeto de urbanização para aquela área, e não nas praças, onde o espaço é pequeno". Scherrer ampliou sua crítica, afirmando que a Prefeitura de Vitória tem deficiência de arquitetos. "A prova está nas obras de urbanização realizadas na cidade, como, por exemplo, o calçamento da rua 7 de Setembro. O Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura deveria contar com mais arquitetos para o melhor planejamento de obras de urbanização e áreas de lazer", disse.

A administração anterior da prefeitura, através do Departamento de Obras, prometeu novas áreas de lazer à população. A primeira seria no antigo Mercado da Vila Rubim. Em 1225 metros quadrados, seriam construídos 15 bancos, um calçamento de 12 metros e criado um local de estacionamento para 22 carros, além da plantação de muitas árvores. O custo calculado da obra seria Cr\$ 300 mil. A outra área de lazer a ser criada seria, como ainda pode ser, no local onde funciona a precária Rodoviária de Vitória, a ser substituída em breve pelo Terminal Rodoviária da Ilha do Príncipe.

SILÊNCIO

Entrevistar funcionários responsáveis por obras na Prefeitura, atualmente, é tarefa difícil. Quando se encontram em suas salas, eles estão sempre em reunião, como informam as secretárias. O repórter do **Caderno Dois** tentou falar sobre as novas praças com o secretário de Serviços Urbanos, Carlos Alberto Faria. Sem recebê-lo, transferiu o "problema" para o secretário de Obras, Fábio Tancredi. Este estava em reunião. O repórter fez então uma tentativa. Anotou num papel as perguntas que pretendia fazer ao secretário e enviou-as pela secretária:

Pergunta 1) — Quanto custará as duas praças (Demócrito de Freitas e Cristóvão Jacques)?

2) Será cobrado ingresso? Quanto? Qual o horário de funcionamento?

3) Sabe-se que a construção da praça Cristóvão Jacques irá trazer problemas

para os acessos da terceira ponte. Isso tem fundamento?

4) É verdade que o governador irá abrir o Parque Moscoso, deixando de cobrar ingresso?

5) Quantas praças (áreas de lazer) são administradas pela Prefeitura em Vitória?

6) Quando serão inauguradas as duas novas praças?

A resposta do secretário Fábio Tancredi, que também não se dignou a receber o repórter: "Só depois de amanhã poderei dar essas respostas, porque nada ainda está decidido". Confirmando o desinteresse em informar à população, é bom lembrar que, dentre as perguntas enviadas ao secretário, havia algumas que não dependiam de nenhuma tomada de decisão. Também não foi possível saber se a Prefeitura mantém os projetos de área de lazer no antigo mercado da Vila Rubim e na praça da atual rodoviária.

Igual desinteresse pela população, foi manifestado recentemente pela diretoria da Comdusa. Já atendendo a uma exigência da companhia, um repórter de **A GAZETA** entregou um questionário com 15 perguntas à secretária do sr. Paulo Monteiro, deu o prazo pedido e não obteve qualquer resposta. Uma das questões não respondidas foi esta: Parece que o projeto original da Comdusa previa a construção naquela área (Aterro da Praia do Súd) de parques, teatros, centros comerciais e afins. Entretanto, o que se vê é a proliferação de mansões. Isto estava previsto ou houve mudanças no projeto original?

Enquanto silencia, a Comdusa continua devendo essas áreas de lazer à cidade. E sem respostas da companhia, a população apenas mantém a expectativa de que o aterro não seja sufocado pela explosão imobiliária, como muitos já temem. Sobrará espaço no aterro da Comdusa para áreas de lazer?

ATERRO DO FLAMENGO?

Em maio de 1976, **A GAZETA** publicava entrevistas com moradores das praias do Canto, Comprida e de Santa Helena sobre o aterro da Comdusa. "É com profunda tristeza que vejo a atual situação do aterro que a Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano fez na Praia do Canto. Em lugar do prometido 'segundo aterro do Flamengo', teremos aqui uma favela, destruindo o panorama e tirando o lugar das áreas verdes", afirmava o advogado Alberto Sarlo, morador há 40 anos na rua Almirante Soido, representando a opinião da

maioria dos habitantes da região. Sarlo lembrou na época, que, de acordo com o projeto original, após o aterro feito pela Comdusa, o terreno seria urbanizado e seriam construídas diversas quadras de esporte e outros instrumentos de lazer.

Em junho de 1976, a Comdusa se manifestava sobre as reclamações. Afirmava: "O projeto que prevê a implantação de áreas verdes não foi abandonado e os planos da sua implantação levaram em conta a existência do loteamento e os vários tipos de ocupação de solo". Sobre o plano da paisagista Burle Marx, que chegou a entusiasmar os que esperavam um "segundo aterro do Flamengo" em Vitória, a Comdusa informava que "a execução do projeto paisagístico só poderá ser feita quando o aterro dispuser de abastecimento regular de água. Seria temerário implantar um projeto caro sem a garantia de uma perfeita irrigação por aspergimento. No momento estamos executando o projeto de abastecimento d'água para todo o aterro e após a conclusão iniciaremos a execução do paisagismo. A nossa preocupação é também dimensionar o tipo de projeto concernente às áreas verdes com a realidade local, isto é, com as possibilidades de manutenção e conservação do que for executado. O Parque do Flamengo, no Rio, tem custo de manutenção mensal superior a Cr\$ 1.500.000,00".

Quando a Comdusa começou a alterar o projeto original, a favor de loteamentos que contribuíssem para diminuir as despesas do aterro, as reclamações foram muitas. Em junho de 1976, o arquiteto Jolindo Martins Filho se dizia prejudicado "com a alteração do projeto sobre a implantação de áreas verdes no aterro, porque a modificação foi feita sem meu consentimento". O projeto original previa no aterro 4 mil árvores e uma área gramada de aproximadamente 140 mil metros quadrados. Falou-se também num calçamento acompanhando o leito da antiga avenida Saturnino de Brito.

O EX-PREFEITO

O ex-prefeito Setembrino Pelissari, em entrevista à **A GAZETA** de 14 de janeiro deste ano, afirmava que, para a construção da quadra de tênis na praça Cristóvão Jacques, seriam cortadas todas as casuarinas existentes no local. "Além de sujar, as árvores são horríveis. Soltam uma bolinha que pode machucar o pé e sujar a quadra de tênis", explicou.

Pelissari defendia a cobrança de

ingressos nos dois mini-parques da Cristóvão Jacques e da Demócrito Freitas. Ordenou que as praças, fossem cercadas "para impedir a depredação da área verde e dos brinquedos". Setembrino queria cobrar ingresso "para selecionar os que irão entrar", assim como ocorre no Parque Moscoso. O problema do trânsito intenso na César Hilal também era outro motivo que apontava para fechar a praça.

Sobre a cobrança de ingresso no Parque Moscoso, o ex-prefeito disse: "A cobrança ajudou à sua manutenção, pois parece que criou na comunidade a responsabilidade de preservar aquilo por que está pagando. O Parque, hoje, inclusive, é um exemplo do sucesso de um empreendimento deste tipo". Quanto à construção da quadra de tênis, Pelissari afirmava que sua intenção era popularizar esse esporte, considerado elitista. A Prefeitura pretendia oferecer um professor para ministrar às crianças o conhecimento básico do tênis. "Este professor não será pago. Ele fornecerá instrução a todos que desejarem, principalmente às crianças, o maior objetivo da praça", prometia.

Setembrino Pelissari desejava inaugurar a praça Cristóvão Jacques, que nasceu na sua administração anterior: "Pedi prioridade para essa praça, porque fui o responsável pela sua realização inicial. Quero inaugurá-la antes de deixar a Prefeitura. Recebi muitas críticas devido ao seu atual abandono e pela demora das obras, mas foi justamente porque estava se elaborando o projeto de reforma. Quanto à demora das obras, isto é problema da empreiteira".

Setembrino achava que o único meio de conservar uma praça em Vitória é cercando. "Quando a população tiver condições de respeitar as áreas verdes, então os parques poderão ser abertos". Citou um exemplo: em Jardim da Penha, 17 árvores foram parcialmente destruídas. Outro: "Um dia surpreendi uma mulher arrancando flores em frente à Prefeitura. Gritei pela janela, que, se ela quisesse, fosse comprá-las, porque aquilo era patrimônio do povo". E acrescentava: "Já estamos cansados de fazer campanhas educativas, que não dão resultado. As pessoas têm que entender que destruir árvores é um crime contra a vida, que há necessidade de se preservar as árvores. Uma pessoa que quebra uma árvore é pior do que um assassino, que mata para sobreviver".